

editorial

O que significa contemporâneo nos dias que seguem? Conceito proteiforme, explorado por Giorgio Agamben no célebre ensaio “O que é o contemporâneo?”, ele é o tema do dossiê desta nova edição de **Celeuma**.

A definição proposta pelo filósofo italiano - “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distâncias dele” - é um dos pontos de partida para Lionel Ruffel, no texto que abre o dossiê. Professor de literatura comparada na Universidade de Paris 8, ele aponta como o conceito se massificou, deixando de ter valor meramente adjetivo - como em “arte contemporânea” ou “música contemporânea” - para instituir-se em substantivo. Por fim, arrisca uma arqueologia do contemporâneo.

Suas manifestações na universidade são tratadas por João Cezar de Castro Rocha, enquanto Ana Luiza Nobre aborda essa questão na arquitetura. Já Veronica Stigger discute o conceito na obra do multiartista Flávio de Carvalho, e Maurício de Bonis avalia seus desdobramentos na música erudita.

A edição traz também trechos em vídeo das palestras do ciclo de conferências “Aberto para Balanço - Arte e cultura no Brasil dos últimos 20 anos”, realizado no Centro Universitário Maria Antonia no segundo semestre de 2013.

Na entrevista, a educadora e professora de teatro da Universidade de Nova York K. J. Holmes repensa a relação entre autor e público na cena atual.

Concluem o número 4 de **Celeuma** duas cartas de James Joyce, inéditas em português, que revelam muito do estilo e das incertezas de um dos maiores escritores do século 20.

EDITORES

*Adriano Schwartz
Maurício Santana Dias
Marcos Flaminio Peres*

EDITOR ASSISTENTE

Rafael Vogt Maia Rosa

DIRETOR DE ARTE

João Bandeira

DESIGNER

André Wigman

REDAÇÃO

*Lara Rivetti
Thierry Freitas*

REDAÇÃO

Thierry Freitas

CAPTAÇÃO DE VÍDEO

*Roberto Melo e
Carlos Pedrosos*

EDIÇÃO DE VÍDEO

Caio Guedes